

Robert Vannoy, Deuteronomio, Aula 6

© 2011, Robert Vannoy, Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Implicações históricas da forma do tratado, Sitz im Leben

II.D. A origem da aliança no Antigo Testamento e suas implicações históricas: a situação atual em Deuteronomio

1. Sitz im leben da forma de aliança: implicações históricas da sua presença

Estamos sob o algarismo romano II, D maiúsculo, “A origem da aliança no Antigo Testamento e suas implicações históricas: o estado atual das coisas em Deuteronomio”. Começamos a discussão sobre isso na última aula com “1. Sitz im leben da forma da aliança: implicações históricas de sua presença.” Mas a essência desse 1 é a natureza da forma da aliança e sua origem que deve ser considerada como cúltica ou histórica, no que diz respeito à origem da forma. Isto se tornou um assunto bastante debatido na presente discussão em torno de Deuteronomio em conexão com a forma da aliança. De onde vem o formulário? Quais são as implicações da natureza da forma na origem da forma? Que implicações isso tem então para a data de Deuteronomio? Então é aí que chegamos na nossa discussão sobre a natureza da forma e sua origem: é cúltica ou histórica?

a. Von Rad e sua hipótese de origem cultual

Como já notamos em nossa discussão, Gerard von Rad, em 1938, propôs a derivação da forma do culto. Naquela altura, ele nada sabia sobre os tratados hititas. Ele não sabia nada sobre a forma do tratado, mas quando chegou ao livro de Deuteronomio, viu uma certa estrutura no livro de Deuteronomio. Já discutimos isso anteriormente. Está contido em seu livro *Problem with the Hexateuch*. Ele diz que a estrutura do Deuteronomio é derivada do culto e de alguma celebração cúltica periódica que seguiu esse padrão. Esse padrão de culto refletiu-se então no próprio livro de Deuteronomio.

Com a discussão mais recente do material do tratado hitita, ele não mudou de posição. Ele continua dizendo que havia uma estrutura discernível e que é um culto. Em

1954, Mendenhall começou com o material do tratado e, nos últimos 15 a 20 anos, essa discussão aumentou tremendamente. Von Rad, é claro, está ciente da discussão. Ele reconhece o paralelo muito próximo entre a forma do tratado hitita e a forma que ele originalmente encontrou no Deuteronômio. Vou encaminhá-lo para dois lugares onde ele discute isso. O primeiro em sua Teologia do Antigo Testamento, volume 1. Sua Teologia do Antigo Testamento foi publicada em 1962. Portanto, isso está bem no início desta discussão sobre o pacto do tratado, mas ele diz na página 132: “Comparação dos antigos tratados do Oriente Próximo, especialmente aqueles feitos pelos hititas nos séculos 14 e 13 aC com passagens do Antigo Testamento, revelou tantas coisas em comum entre os dois, particularmente na questão da forma, que deve haver alguma conexão entre esses tratados de suserania e a exposição dos detalhes da aliança de Yahweh com Israel dada em certas passagens do Antigo Testamento.” Deve haver alguma conexão; há muito paralelo aí para que isso seja apenas acidental. “Como resultado, com passagens específicas e grupos de passagens, podemos falar de”, o que ele chama, “uma formulação pactual na qual os vários elementos formais encontrados nos tratados reaparecem característica por característica, embora às vezes livremente adaptados para se adequarem”. as condições obtidas em Israel.”

Então ele discute esse esquema. Já vimos esse esboço dos tratados, o esboço da forma do pacto. Ele menciona vários lugares onde isso pode ser encontrado no Antigo Testamento. Ele diz: “Mesmo que haja muitas questões detalhadas que possam ser respondidas, pelo menos não há dúvida de que os dois tipos de material estão relacionados entre si. A relação no que diz respeito à forma pode ser rastreada até os textos dos tempos pós-conquista. Aqui, é claro, Israel assumiu o controle, mas quando lembramos a idade de alguns dos materiais relevantes do Antigo Testamento, temos que reconhecer que ele se familiarizou com esse esquema do tratado muito cedo, talvez já na época dos juízes. ” Portanto, há uma ligação, diz ele; parece que Israel conheceu esta forma no início de sua história, o que para ele significa a época dos juízes. Ele não está voltando à era mosaica, mas pelo menos até a época dos juízes. Essa é a extensão do seu comentário sobre a forma em seu livro sobre teologia do Antigo Testamento.

Mais recentemente, ele publicou comentários sobre Deuteronomio que já mencionei. Isto apareceu em alemão em 1964 e foi traduzido para o inglês em 1966. Ele discute isso mais detalhadamente lá, mas não quero entrar em todos os detalhes. Na página 21 ele diz: “Finalmente, devemos mencionar um tipo de composição usada em Deuteronomio, que os estudiosos reconheceram apenas recentemente, a saber, o formulário usado para as alianças. A discussão sobre isso apenas começou. Já se sabe há algum tempo que os potentados do Antigo Oriente Próximo, especialmente os hititas, costumavam redigir seus tratados com seus vassallos de acordo com um padrão definido. Mas foi surpreendente perceber que esse padrão de tratado pode ser encontrado em não poucas partes do Antigo Testamento e, entre outras, em Deuteronomio.” Então ele vê esse padrão muito claramente em Deuteronomio, e então ele lista o padrão e todos os elementos nele contidos. Mas então ele diz: “Na época de Deuteronomio, esse padrão já era usado livremente há muito tempo para propósitos literários e homiléticos”. Ele discute isso um pouco e depois diz: “A questão ainda está bastante aberta como e quando Israel veio a compreender a sua relação com Deus na forma destes primeiros tratados do Oriente Próximo com vassallos”. Assim, ele deixa em aberto a questão da origem da forma e de quando Israel adotou a forma.

Na página 23, von Rad diz: “Se perguntarmos agora o que *sitz im leben* exige o padrão de acordo com o qual Deuteronomio é organizado, isso poderia ter sido tirado apenas da celebração do culto, talvez de uma parte da renovação da aliança. Assim, o padrão clássico do formulário regular da aliança aparece em Deuteronomio, em qualquer caso, apenas de uma forma mutilada devido ao seu contexto no culto no qual a forma de Deuteronomio estava originalmente enraizada e, de fato, já foi abandonada no livro, como agora vemos. Tê-lo. Isto porque o seu conteúdo aparece agora na forma de instrução homilética dos leigos”. Claro, isso está associado à sua teoria da pregação levítica como sendo a origem do livro. Foi moldado na forma da pregação de Moisés, mas o padrão estrutural, ele sente, originalmente estava enraizado no culto e derivado do culto. De modo que ele não abandonou realmente a abordagem básica do Deuteronomio que tinha em 1938 no que diz respeito à estrutura do livro e à sua origem. Ele reconhece,

contudo, que o padrão do tratado está tão próximo da estrutura do livro de Deuteronômio que deve haver alguma conexão. Embora ele não esteja disposto a abandonar suas teorias anteriores ou a tirar quaisquer conclusões que o levariam de volta à era mosaica para a origem da forma.

b. Hipótese de Origem Contra Culto

Agora eu diria, e outros já o disseram, que não estou dizendo nada de novo a esse respeito; na verdade, recorrerei a um artigo de J. Thompson. Há boas razões para concluir que a hipótese da origem do culto não fornece uma explicação adequada ou completa para a natureza da questão da forma. Algum tipo de hipótese de origem do culto não dá uma explicação adequada ou completa para a origem desta forma. Além disso, não responde à questão fundamental da razão e do momento da adoção inicial desta forma no antigo Israel. Acho que essa é a questão chave. Por que Israel adotou esta forma e quando a adotou? Quando entrou em uso em Israel? Bem, von Rad não tem muita certeza disso. Ele voltará até Juízes para dizer que deve ter havido algum conhecimento do assunto, mas isso é tudo o que ele diz.

Pergunta do aluno. Ele remonta à época dos Juízes porque esta era a forma que prevalecia no início do período dos Juízes?

Vannoy: Sim, eu acho que sim, e acho que no material bíblico, se você considerar o material como ele se representa, digamos, Josué 24 ou o livro de Deuteronômio, ou Êxodo 19, você voltará antes dos Juízes. O que ele diria é que o material em Êxodo, Deuteronômio e Josué foi realmente codificado mais tarde. Foi escrito depois da época que a Bíblia representa. Portanto, Israel se familiarizou com a forma e o material foi colocado nessa forma posteriormente, mas não é original.

c. Thompson e o prólogo histórico como elemento essencial

JA Thompson, que foi o autor daquele comentário que leremos na introdução, escreveu um artigo sobre “O Credo Culto e a Tradição do Sinai”. Na *Reformed Theological Review*, volume 27, 1968, páginas 52-64. Esse é um artigo muito

interessante. Não tenho certeza se a Reformed Theological Review está em nossa biblioteca ou não. Você pode achar muito interessante ler o artigo. Ao discutir a opinião de von Rad, Thompson diz, e cito-o: “Parece haver poucos motivos para duvidar que o Prólogo Histórico nos tratados seculares fosse um aspecto básico de qualquer tratado”.

O Prólogo Histórico na estrutura do tratado é um elemento essencial. Agora, vamos analisar isso e há até debate sobre isso. Thompson diz que é um elemento essencial. “Há poucos motivos para duvidar que o Prólogo Histórico do tratado secular fosse o aspecto básico de qualquer tratado. Nem precisamos duvidar de que representou, embora talvez de alguma forma melhorada, um esboço correto dos eventos históricos anteriores que foram apresentados como um forte argumento para a aceitação do tratado pelo vassalo.” Em outras palavras, o material histórico desse prólogo é muito importante. Aparece em todos os tratados; é um elemento essencial.

Em segundo lugar, representa a história real no sentido dos acontecimentos que são recontados nesse prólogo e servem de base à relação que se vai estabelecer. Portanto, representou um esboço correto dos acontecimentos históricos anteriores que se tornaram um forte argumento para a aceitação do tratado pelo vassalo. O grande rei diz que fez isso, fez aquilo e fez outra coisa. Essa é uma boa razão para o vassalo aceitar as obrigações que lhe serão impostas. Ele se beneficiou no passado da benevolência do rei.

d. As críticas de Thompson à abordagem cultural de Von Rad

Thompson continua e diz: “Von Rad, é claro, toma nota do relato histórico do evento do Sinai quando discute Deuteronômio e Êxodo 19 a 24. Mas para ele esta narração histórica é apenas uma lenda cultural de historicidade muito duvidosa.” Aí você vê que há uma diferença enorme. Esse resumo histórico para von Rad é uma “lenda cultural de historicidade duvidosa”. É apenas uma história que é realmente a criação da fé de Israel, se você se lembrar da história do Antigo Testamento do ano passado. Não tem nada a ver com eventos que realmente aconteceram. É um recital cultural litúrgico que é a expressão da fé de Israel. “Portanto, esse Prólogo Histórico tem uma historicidade duvidosa, mas a questão deve ser colocada”, diz Thompson, “se uma lenda

de culto poderia servir ao propósito exigido neste contexto. Não se deve presumir que uma liturgia cultural deva ser divorciada dos eventos históricos subjacentes”. Em outras palavras, quando você volta ao material do tratado, o grande rei diz que eu fiz isso e aquilo e, portanto, você deveria apreciar isso. É isso que deveria provocar uma resposta de lealdade por parte do vassalo.

Quando você chega ao material bíblico, se você dissesse que aquele prólogo histórico não é realmente história e que o relacionamento anterior entre os parceiros de fato não existia – é apenas lendário – qual é então a verdadeira base para a resposta? Portanto, acho que uma visão de derivação cúltica é deficiente. O relacionamento entre Yahweh e seu povo, no qual o estabelecimento, ou renovação, é narrado em conexão com a aparente forma da aliança no Antigo Testamento, está conectado em um sentido muito real com o relacionamento antecedente e histórico do parceiro da aliança. “Fui eu que te tirei do Egito”, diz o Senhor, daí os Dez Mandamentos. A realidade dessa relação histórica anterior está integralmente ligada ao estabelecimento da aliança. Assim, embora tal relação possa ser renovada ou celebrada no culto, e Israel fez isso, penso que pressupõe uma ocasião histórica específica em que foi originalmente e formalmente estabelecida. Esse mesmo relacionamento, que, é claro, apontaria para o Sinai.

Em que ocasião isso teria acontecido na história de Israel? Poderíamos argumentar que o evento do Sinai descrito em Êxodo 19 a 24 fornece o cenário mais provável para a entrada da forma da aliança e aponta para a experiência do antigo Israel em que o prólogo histórico funciona como nos tratados. Fala de eventos históricos reais. Ele fornece o antecedente para o relacionamento que deve ser estabelecido. Portanto, há um enorme significado a ser atribuído à vinda ao Sinai e à celebração da aliança ali e à história anterior que aconteceu antes, que é a de que o Senhor libertou seu povo do Egito.

e. Sitz im Leben histórico e olhar para o Sinai em Êxodo 19-24

Então, voltando à questão: qual *sitz im leben* da forma de aliança do Antigo Testamento fornece o fundamento histórico de sua presença. A natureza da forma e sua

origem, é cultural ou histórica? Penso que, na analogia da forma de tratado, temos de concluir que temos fortes evidências que apontam para uma origem histórica para a forma de pacto, particularmente porque está ligada à natureza do prólogo histórico. O prólogo histórico é aquele que recita a história real, e não algum tipo de material lendário que então não forneceria uma base adequada para a relação que é colocada nesta forma particular.

Pergunta do aluno: A primeira entrada do relacionamento do tratado de aliança ocorreu no Sinai, quando o Senhor deu a lei a Moisés? Foi então que entrou pela primeira vez na história de Israel?

Vannoy: Sim, porque o que você tem aí é o próprio Senhor, por sua própria escolha, estabelecendo com seu povo uma relação que parece seguir esta forma jurídica que era conhecida na época. Foi padronizado, em certo sentido, de maneira semelhante. Agora, não acho que poderíamos argumentar a favor de qualquer derivação direta, mas acho que é mais uma questão de Deus ter escolhido estruturar o relacionamento com seu povo em um padrão da esfera política que estava familiarizado com as pessoas da esfera política. reino. Você então tem o Senhor vindo ao seu povo e dizendo: “Eu sou o Senhor teu Deus”, identificando-se como aquele que os tirou da terra do Egito. “Então foi isso que eu fiz por você. Agora, portanto, você tem certas obrigações para comigo e, dependendo de sua obediência ou desobediência, as bênçãos e maldições estão anexadas.” Houve uma cerimônia para ratificação disso. Você encontra tudo isso em Êxodo 19 a 24. Agora você não encontra nenhum tipo de correspondência detalhada que pudesse dizer que alguém estava copiando a aliança de um tratado hitita que ele possa ter tido antes dele. Eu não acho que seja esse tipo de conexão. Mas é uma relação que se estrutura geralmente com os mesmos elementos envolvidos.

2. A evolução da forma do tratado e suas implicações para a data do Deuteronômio

Número 2 na sua folha, “A evolução da forma do tratado e suas implicações para a data de Deuteronômio”. Eu mencionei isso anteriormente. Kline argumenta em O Tratado do Grande Rei, página 28, que Deuteronômio é um documento de renovação da

aliança que em sua estrutura total exhibe a forma jurídica clássica dos tratados de suserania da era mosaica. Agora, por que a ênfase na forma jurídica clássica? Porque o argumento de Kline é defendido em parte pela observação do que ele chama de “uma evolução discernível na forma documental do tratado de Suserania”. O que ele quer dizer é que com esse movimento na forma e evolução na forma, o livro de Deuteronomio corresponde à forma clássica do tratado hitita que começa a ser usado na era mosaica. Em outras palavras, esse padrão clássico progrediu ao longo do tempo com modificações em relação ao padrão original. Deuteronomio não corresponde à forma de tratado posterior, nomeadamente os tratados assírios ou tratados de Sefire . Deuteronomio se ajusta à forma clássica da era hitita. Assim , com esta evolução discernível, ele diz: “Deuteronomio concorda com o estágio clássico na evolução da forma do tratado”, o que o coloca no período mosaico.

Agora isso levanta outro ponto de discussão atual, e há muita discussão sobre isso. Os tratados hititas dos séculos XIV e XIII exibem uma forma clássica que não sobrevive nos tratados de uma época posterior? Como, por exemplo, a forma corresponde aos tratados aramaicos do século VIII de Sefire , no norte da Síria, ou aos tratados de Esarhaddon da Assíria, do século VII? Isso se torna uma questão importante no argumento de Kline e, portanto, algo que penso que deveríamos considerar. Se você tem tratados posteriores, e se os tratados posteriores, sendo os tratados assírios do século VII, são idênticos em forma aos tratados hititas, bem, por que o Deuteronomio não foi construído a partir dos tratados assírios do século VII, confirmando a data de 621 a.C. Wellhausen estava defendendo? Então isso se torna uma questão de alguma importância.

a. Os tratados vassallos de Esarhaddon e Sefire comparados com o tratado de suserania dos hititas e implicações para a data de Deuteronomio

Tão pequeno, “Os tratados vassallos de Esarhaddon e Sefire comparados com o tratado de suserania dos hititas e implicações para a data de Deuteronomio”. Se você olhar para os tratados vassallos de Esarhaddon, acho que descobrirá que há certos elementos que são muito semelhantes aos dos tratados hititas anteriores. Mas, apesar de

algumas semelhanças que seriam de esperar em qualquer tratado, existem diferenças importantes.

1. A ausência de um prólogo histórico

As diferenças mais importantes, penso eu, estão enumeradas aqui em a, b e c. A primeira é: “A ausência de um prólogo histórico”. Eu diria que o contraste mais marcante e importante entre os tratados assírio e hitita é que a segunda secção do esquema do tratado hitita é o prólogo histórico que não se encontra nos tratados assírios. Acho que isso é extremamente importante por vários motivos. Em primeiro lugar, o prólogo histórico dá o tom ao tratado hitita. É com base em seus atos beneficentes anteriores que o grande rei justifica a exigência de observância das estipulações. É assim que o tratado funciona. “Fiz isto por ti”, justifica então a obrigação que o vassalo tem para com o grande rei.

Esse prólogo histórico segue imediatamente após o preâmbulo de todos os tratados hititas atualmente disponíveis. Em outras palavras, não é algo aleatório; está em alguns tratados; não está em outros. É algo que está presente em todos os tratados hititas atualmente disponíveis. Agora, talvez algum dia alguém desenterre um que não o tenha. Devo acrescentar uma observação nesse ponto. Digo que está disponível em todos os tratados, mas esse é um ponto contestado. Eu poderia indicar vários trabalhos alemães que discutem o assunto, mas isso provavelmente não o ajudará muito. Mas Dennis J. McCarthy em seu livro *Tratado e Pacto* - listado em sua bibliografia - em vários lugares de seu livro, ele contesta essa afirmação de que está em todos os tratados hititas atualmente disponíveis e argumenta que vários dos tratados hititas não têm um prólogo histórico e, conseqüentemente, o prólogo histórico não era um elemento essencial da forma do tratado. Não quero entrar em todos os detalhes disso. Acho que McCarthy está enganado. Ativa textos que deixam coisas de fora e ativa a interpretação de certos textos. Torna-se uma questão muito complicada. Se você estiver interessado em prosseguir, Herbert Huffman se opõe a essa afirmação de McCarthy. Huffman apoia a análise que fiz de que todos eles têm o prólogo histórico. Agora, se tivéssemos mais tempo, talvez pudéssemos analisar uma questão como essa.

O prólogo histórico dá o tom dos tratados que está presente em todos os tratados que hoje conhecemos e introduz na estrutura a obrigação de lealdade do vassalo para com o grande rei. Esse é o próximo elemento. Introduz a pronúncia da obrigação de lealdade do vassalo ao grande rei. De modo que a ausência de um prólogo histórico nos tratados de Esarhaddon contribui para o tom frio e áspero que você encontra nos tratados de Esarhaddon. A formulação desses tratados é típica da implacável imposição assíria do seu poder às nações vizinhas. Não há nenhum indício de qualquer ação misericordiosa dos assírios em nome do vassalo que merecesse lealdade e ação de graças, ou algo parecido. Existe aquela declaração contundente de sua obrigação que é garantida por ameaças e maldições se não for seguida. Esse é um espírito bem diferente.

Esses tratados assírios são em menor número do que os tratados hititas. Quero dizer, não estamos lidando com um enorme corpo de literatura aqui. Acho que isso deveria ser mantido em mente em argumentos desse tipo. Outras descobertas poderão lançar luzes e ângulos bastante diferentes sobre muitas destas questões que temos actualmente. Portanto, você deve manter isso em mente em qualquer tipo de teoria que adotar. As evidências arqueológicas são, na melhor das hipóteses, fragmentárias. Tirar conclusões a partir de evidências fragmentárias apresenta alguns problemas evidentes.

Certamente há resistência ao uso do material hitita para a época mosaica de origem do Deuterônomo. Portanto, para concluir, diria que o prólogo histórico não é apenas uma diferença importante na forma, mas também indica desde o início uma vasta diferença de espírito entre os tratados hitita e assírio. Então você obtém uma diferença na forma e uma diferença no espírito ligada a essa forma. Portanto, pode-se dizer que há uma qualidade de relacionamento bem diferente entre o suserano e o vassalo no tratado hitita em comparação com o tratado assírio.

2. Ausência de uma obrigação básica, aquela obrigação de lealdade, que segue imediatamente o prólogo histórico

Segundo ponto: falta uma obrigação básica, aquela obrigação de lealdade, que segue imediatamente o prólogo histórico. É claro que os tratados assírios não têm um

prólogo histórico, mas isso também é um elemento extremamente significativo nos tratados hititas porque, mais do que qualquer outra coisa, expressa o espírito da relação entre os parceiros do tratado. Por causa dos atos graciosos realizados no passado pelo grande rei, o vassalo expressa seu agradecimento declarando seu juramento de lealdade. Em vez desse elemento nos tratados hititas, os tratados assírios contêm um juramento de lealdade que se encontra num lugar bastante diferente na estrutura. É depois da primeira seção de maldições. Um juramento de lealdade é feito para que o contexto se torne de medo, em vez de confiança e lealdade. A qualidade do relacionamento é substancialmente diferente.

3. Ausência de bênçãos

Terceiro, a ausência de bênçãos também está de acordo com o tom do tratado assírio e é outra diferença estrutural. Nenhuma bênção é enumerada por manter as estipulações do tratado. Nos tratados hititas, esse é um elemento proeminente. Nos tratados assírios não há bênçãos.

Conclusão:

A conclusão então, penso que com base nestas observações - e poderíamos fazer isto de uma forma mais detalhada - mas penso que estas são as coisas importantes, parece-me, que Kline tem uma base adequada para a afirmação que os tratados assírios são essencialmente diferentes daqueles dos primeiros hititas.

1. Outros que concordam com a posição de Kline

Agora, Kline não está sozinho em suas posições; isso não é algo que seja ideia exclusiva de Kline, nem se limita aos autores evangélicos que discutem esses assuntos. O próprio Mendenhall concorda, Albright concorda, John Bright na sua História de Israel concorda que há uma diferença entre os tratados assírios e os tratados hititas. Mendenhall em seu artigo original, “Lei e Aliança em Israel e no Antigo Oriente Próximo”, 1954, disse: “Este tipo de aliança é ainda mais importante como ponto de partida para o estudo da

tradição israelita devido ao fato de que não pode ser provado ter sobrevivido à queda dos grandes impérios do final do segundo milênio aC. Quando os impérios surgiram novamente, especialmente a Assíria, a estrutura da aliança pela qual eles uniram os vassalos foi completamente diferente.” Esse é Mendenhall. “Os tratados assírios são diferentes.” Ele observa ainda: “Em todos os materiais que temos este prólogo histórico está faltando e apenas as divindades assírias são listadas como testemunhas; todo o padrão também é erraticamente diferente.” Assim, para Albright, no seu livro *Stone Age to Christianity*, e concorda com Mendenhall quando diz: “A estrutura de meia dúzia de tratados nacionais assírios e arameus que conhecemos desde o século VIII a.C. e posteriores é bastante diferente”. John Bright diz a mesma coisa em sua *História de Israel*. Então nesse ponto o Kline tem um bom apoio. Nem todos esses homens chegam às mesmas conclusões que Kline, mas reconhecem a diferença. Assim, embora certos elementos sejam semelhantes como seria de esperar em tratados entre uma potência maior e uma menor, as semelhanças não são suficientes para justificar a afirmação de DJ Wiseman que diz, “que a forma dos tratados já foi padronizada pelo império hitita e que os tratados vassalos de Esarhaddon mostram que permaneceram basicamente inalterados durante os tempos neo-assírios.” Então você tem uma divisão de opinião, mas parece que o peso da evidência está com Kline, Mendenhall, Albright e Bright de que existe essa diferença. Há uma evolução perceptível. Existe uma estrutura bastante diferente, um tipo de relação bastante diferente, entre os dois grupos de tratados.

2. Os Tratados Aramaicos de Sefire

Tudo bem, vamos para 2., “Os tratados de Sefire”. Já falamos sobre a diferença entre os tratados assírios e os tratados hititas, mas agora os de Sefire. Esses tratados são cerca de um século anteriores aos assírios do século 8 aC. Eles estão mais próximos no tempo dos assírios do que dos hititas, portanto estão no meio. Sefire é do século VIII, o assírio é do século VII.

a. Semelhanças com o Tratado de Esarhaddon ou o Tratado Assírio

Pequeno A. “Semelhanças com o Tratado de Esarhaddon ou o Tratado Assírio.”

O que observaremos a seguir serão as semelhanças de Sefire com os tratados hititas; eles têm certas semelhanças com ambos os conjuntos de tratados.

Semelhanças, em primeiro lugar, com os tratados assírios: com os tratados aramaicos de Sefire atualmente disponíveis, não se encontra nenhum prólogo histórico. Alguns dos tratados estão fragmentados no início, por isso alguns argumentam que talvez houvesse algum que não podemos ver agora. Mas com o que existe atualmente, não há prólogo histórico. Também não há qualquer declaração dessa obrigação básica. Portanto, nesses aspectos, poderíamos dizer que os tratados de Sefire estão mais próximos dos tratados de Esarhaddon do que dos tratados hititas. Sefire era uma pequena cidade-estado na Síria, relacionada com outras potências menores. Não era um grande império. Dá os nomes dos reis daquela cidade. Além disso, pode-se dizer que as estipulações são decididamente unilaterais. Regulam a conduta dos vassalos em relação ao parceiro mais poderoso, mas não são recíprocos. Há muito pouca obrigação do poder maior para com o vassalo. Nos tratados hititas, apenas a título de contraste neste ponto, existe uma solidariedade entre os dois parceiros do tratado. Para que o sócio-chefe prometa proteção ao vassalo. Este é um elemento forte nos tratados hititas: o sócio-chefe promete proteção ao vassalo. Ele promete que os inimigos do vassalo serão derrotados quando o vassalo permanecer leal ao seu suserano. É claro que o paralelo com o material Mosaico também é muito interessante. Mas tanto os tratados de Sefire como os tratados assírios carecem de qualquer cláusula de proteção para os vassalos. Não há cláusulas de proteção nem nos tratados assírios nem nos tratados de Sefire.

Há alguns outros pontos, mas vamos deixar por isso mesmo e voltar-nos para as semelhanças dos tratados de Sefire com os tratados assírios. Semelhanças dos tratados de Sefire com os tratados hititas, pois certas características do tratado aramaico parecem mais próximas do tratado hitita. Na seleção dos deuses convocados como testemunhas do tratado, os tratados aramaicos citam que os deuses de ambos os lugares do suserano e do vassalo são testemunhas do pacto.

Transcrição de Ally Faber

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final do Dr.

Renarrado pelo Dr.